

opinião pública

# Necessário controlar afluxo de pessoas à cidade

N. 29/5/82  
p.2

Um dos nossos leitores, ao ser inquirido sobre o problema da criminalidade, afirmou que alguns crimes são provocados por pessoas provenientes de fora do Maputo. Aqui se juntam, enquanto estão desempregados. Então, sugiro que sejam tomadas medidas e criados dispositivos no sentido de pôr termo ao afluxo de pessoas do campo à cidade.

ARMANDO MAUNGU MUSSE (29 anos, trabalhador da Empresa de Abastecimento da Cidade de Maputo e residente no Bairro do Maxaquene) — Certamente que se têm verificado, nos últimos dias, diversos crimes, em especial à mão armada. Por isso, nós, que somos vítimas, devemos encontrar a melhor forma de normalizar esta situação, ou seja, acabar com a criminalidade. O combate que temos a travar, não deve ser interno nem unitário, deve ser comum e a partir dos Grupos Dinamizadores até aos bairros. Há necessidade de se realizarem reuniões nos bairros, para sensibilizar os nossos irmãos desempregados para tentarem arranjar emprego. É preciso analisar bem como é que vivem essas pessoas. Se são apoiadas pelos seus familiares, ou se utilizam outros meios para se sustentarem. Falando das pessoas que vêm do campo para a cidade, sem emprego nenhum, realmente podemos considerá-las marginais que temos na cidade. Acho que seria viável a mobilização desses elementos, no sentido de convencê-los a regressarem às suas origens, uma vez que não é possível arranjar aqui emprego para todos. Devem regressar para a procedência, onde poderão produzir, em vez de

ficar cá, na cidade, passando a vida no passeio.

FERNANDO JOSÉ TUI (25 anos, empregado comercial e residente no Bairro do Maxaquene) — Para minimizar a criminalidade que se faz sentir na cidade de Maputo, é necessário que o povo intensifique a vigilância. Esta vigilância deve partir da Célula, propagando-se até ao bairro. Sabemos perfeitamente que os criminosos vivem no nosso seio e é muito fácil detetá-los. Numa reunião do bairro, em que estejam presentes todos os seus moradores, far-se-á uma análise das pessoas que trabalham e daquelas que andam na vadiagem. Estes elementos, que nada fazem, são autores de alguns crimes, como único meio de se sustentarem. Ou, então, se andamos a suspeitar de um nosso vizinho, mesmo que seja da nossa família, devemos denunciá-lo, para a autoridade verificar se, de facto, é ou não um criminoso. No que diz respeito às pessoas que vêm de fora, acho que também são alguns deles os autores de alguns crimes. Por isso, há necessidade de intensificar a vigilância sobre eles, porque se não trabalham, como sobrevivem?

EDUARDO AFONSO GUAMBE (30 anos, empregado comercial e residente no Bairro do Maxaquene) — Acabar com a criminalidade torna-se bastante difícil, porque os polícias que temos são em número bastante reduzido. Sendo assim, é preciso que o povo apoie a autoridade. Como então apoiar? Não é um problema muito difícil. Basta a intensificação da vigilância, para detectar todos os autores dos crimes. Como a maior parte dos criminosos são residentes dos bairros desta cidade, através de reuniões,

podem ser facilmente neutralizados. Mas, em parte, os familiares daqueles elementos deviam compreender a necessidade de denunciá-los, porque conhecem-nos perfeitamente. Mas se não os querem denunciar, nunca sairemos desta situação. Outros crimes são originados por pessoas vindas de fora, que se acumulam aqui na cidade, enquanto estão desempregadas. Eles são seres humanos como nós. Precisam de se alimentar e vestir. Mas como arranjar tais coisas, se não trabalham? Fazem a vida à custa dos outros, através de roubos. É aconselhável lançar uma campanha dirigida a esta gente que não trabalha, para voltar à procedência.



Armando  
Maungu  
Musse



Fernando  
José Tui



Eduardo  
Afonso  
Guambe